



**A espiritualidade feminina dos séculos XII, XIII e XIV –
As *beguinas*: Expressões da liberdade de gênero e crença.**

Amanda Oliveira da Silva Pontes¹

Introdução

Ao contrário do que se construiu no pensamento moderno a partir do imaginário popular a respeito do período medieval, séculos IV ao XVI, as mulheres que viveram antes de nós, àquelas que viveram na chamada Idade Média, não eram todas e indistintamente iletradas e inativas socialmente e/ou economicamente. Naqueles séculos, nem todas as mulheres eram obrigatoriamente forçadas a adquirirem matrimônio ou se vincularem aos conventos e assim assumir uma vida de maternidade ou de uma virgem religiosa, embora ainda estivessem por vezes sob o controle e autoridade de um homem que seria seu responsável.

Muitas delas gozavam da liberdade de ler e escrever, de administrar e *votar*², de crer e viver sua crença ainda que, naturalmente, tivessem que pagar o preço por essa liberdade, muitas vezes com a própria vida.

Houve, evidentemente, muita perseguição e repressão por parte da Igreja aos movimentos que contrariavam seus dogmas e doutrinas religiosas. Os movimentos *libertatórios* são caracterizados, entre outras coisas, por pregar o desapego às coisas materiais e valorização das penitências e pela feroz crítica ao modo de pregação e modo de vida de alguns Clérigos, acusando-os de cometerem contrariedades no que concerne às suas

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – PPCGR/UFPB. É Membro do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval (UEPB/Principium/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Sacratum - Hermenêutica filosófica e literária em diálogo com o estudo do sagrado (UFPB/CNPq). E-mail: amanda-philos@hotmail.com.

² O direito de voto e o poder de escolher governantes e representantes políticos que atualmente as mulheres adquirem, como se sabe, trata-se de uma conquista recente. No entanto, do ponto de vista específico da vida em comunidade, como será visto mais adiante a partir do exemplo das *beguinas*, as mulheres puderam experimentar escolher um líder ou uma líder para chamarem de mestre e administrar uma comunidade, essa experiência ainda que seja muito elementar foi sem dúvida algo essencial para o reconhecimento do papel da mulher na sociedade.



práticas e prédicas. Sendo assim, não só homens, mas também mulheres poderiam fazer parte de movimentos que possuíssem este caráter e, neste sentido, sofrer sanções por parte da Igreja Medieval. Entretanto também é sabido que em se tratando de um movimento eminentemente feminino, composto tão somente por mulheres, a perseguição poderia assumir posições e aspectos diferentes, uma vez que ainda era corrente a ideia alimentada pelas estórias alimentada geralmente pela crença religiosa como também a crença vulgarmente popularizada de que uma mulher não pode pregar publicamente, pois despertaria a luxúria do homem e, portanto, seria por natureza uma criatura pecaminosa, lasciva, etc. e ainda pela certeza que se tinha da inferioridade intelectual da mulher e de sua capacidade de mentir e dissimular.

Pretendemos apresentar aqui, sob a perspectiva da espiritualidade e da liberdade de gênero, uma visão da mulher medieval, dos séculos XII ao XIV, mais diferente daquela popularmente conhecida e comumente divulgada sobre o *feminino* na Idade Média. Voltando-se para a bibliografia consagrada sobre esse período da nossa história bem como para algumas das pesquisas subjacentes específicas sobre este tema, veremos que a mulher mesmo que imersa numa época sem dúvida alguma amplamente impregnada por uma misoginia, ocupou o espaço que lhes foi possível, mas também ensaiou aquilo que estaria por vir e indicou quais posições pretendia ocupar na vida social.

A mulher na Idade Média e a espiritualidade feminina

É interessante destacar que a condição de vida da população da Idade Média Ocidental, não muito diferente da que é possível encontrar na contemporaneidade, era diversa e estava relacionada à situação econômica e a posição social que se ocupava. No que diz respeito à educação nos tempos medievais, embora os servos não dispusessem das mesmas condições de poder e de decisão que os senhores, geralmente tinham acesso à mesma literatura, cultura, etc. Mesmo que nem todos soubessem latim ou grego ainda assim tinham acesso a mais alta *classe* literária da época. Como nos diz Règine Pernoud:



A Idade Média não conheceu elite nem dentro nem fora do domínio intelectual, porque cada um podia, na sua esfera, tornar-se um ser de elite. As alegrias do espírito não eram reservadas aos privilegiados ou aos letrados. Sem saber grego nem latim, e mesmo sem saber A ou B, podia-se ter acesso às mais altas delícias da poesia. (PERNOUD, 1997, p. 74).

Resta-nos conferir se a mesma igualdade podia ser visto em relação à educação das mulheres e seu acesso à literatura. As pesquisas realizadas neste âmbito e voltadas para a condição da mulher nos séculos passados, especialmente dos séculos VI ao término do período medieval, conclui até aqui que, no começo do século XI, de fato era possível encontrar homens e mulheres humildes ou nobres que sabiam ler e escrever ainda que grosseiramente, se sabia o básico para se conhecer a literatura e a cultura daquele período.

Onde e por quem eram as mulheres educadas? Sabe-se que as filhas de grandes famílias tinham perto de si uma preceptora que figura por vezes nos actos (...) Muito mais usualmente, são os conventos de mulheres que se encarregam da educação das raparigas e com frequência — o que não pode deixar de surpreender — dos rapazinhos. Com efeito, desde o início do século VI, e por ocasião da fundação do primeiro mosteiro de mulheres na Gália — o Mosteiro de Saint-Jean d'Arles, de que falámos atrás —, que se nota este desejo de espalhar a instrução, de que só encontramos fraco equivalente nos séculos XVI, XVII e XVIII as missões do Novo Mundo (PERNOUD, 1984, p.66).

As pesquisas indicam que muitas mulheres exerciam a função de copistas e muito mais impressionante é que muitas delas desenvolveram uma literatura vernácula ainda hoje admirada e estudada nas universidades, mais ainda, puderam dar forma escrita à linguagem até então apenas oral, como é o caso de Hadewijch de Amberes, que foi considerada pelos estudiosos a fundadora da língua flamenga escrita.

Portanto, o discurso de que a mulher medieval não sabia ler ou escrever e que era completamente excluída da vida social medieval é uma falácia que pode rapidamente ser descoberta. É bem verdade, entretanto, que o ambiente no qual as mulheres da Idade Média viveram era eminentemente constituída por homens e a masculinidade era dominante, é também verdade que a Igreja desempenhou um papel importantíssimo no que diz respeito à valorização do masculino em detrimento do feminino. As mulheres, mesmo que lhes fossem possível ler e escrever, em geral, estava sob a égide do homem, eram ensinadas por homens diante do olhar da Igreja



e sob seu controle. Apenas mais tarde, nos séculos seguintes, a mulher passa a ensinar a outras mulheres e também a “rapazinhos” como foi dito anteriormente.

A Igreja desempenhou um papel decisivo tanto na valorização do masculino como também posteriormente no reconhecimento da mulher e seu papel na família, dentro da comunidade e na sociedade.

Primeiramente, a constituição da família, para a Igreja, estava longe de ser apenas uma união simples entre dois indivíduos, a família representava o corpo de Cristo, possuía uma razão de ser – para a reprodução e para se evitar a promiscuidade – e desempenhava um papel na sociedade. É possível perceber uma mudança elementar sobre a constituição da família na Antiguidade³ e na Idade Média. É possível constatar que na Antiguidade, dentro da família, a mulher e o(s) filho(s) estavam completamente sob a autoridade masculina, o *pater familias*. No medievo, a partir da valorização da imagem da Virgem Maria e da nascente formação da literatura cortesã, cuja figura adorada era a *Dama* e se cantava o amor impossível entre o servo/homem e a sua *senhora*, há uma reconfiguração na organização familiar. A mulher agora possui um papel definido dentro da família, os homens proviam o lar e estavam responsáveis pelo sustento material e a mulher organizava o lar e se ocupava da educação do(s) filho(s), elas não apenas limpavam e cozinhavam, estavam responsáveis sobretudo pela administração do lar⁴ e isso não pode ser ignorado quando se trata da condição da mulher naquele período. Como bem sinaliza Pernoud:

(...) Embora possua toda a autoridade necessária para as suas funções, o pai de família está longe de ter, sobre a mulher e os filhos, esse poder sem limites que lhe concedia o direito romano. A mulher colabora na *mainbournie*, quer dizer, na administração da comunidade e na educação dos filhos. Ele gere os bens próprios, porque o considera mais apto do que ela para os fazer prosperar, coisa que não se consegue sem esforço e sem trabalho. Mas quando ele tem de se ausentar, por uma razão qualquer, a mulher retoma

³ Naturalmente estamos nos referindo à constituição da família nesse período e sua interferência na formação da mulher e não sobre a condição da mulher como um todo nas sociedades antigas, sua participação social e política, etc.

⁴ Sabe-se bem que também na Antiguidade a mulher se ocupou do Oikos, quer dizer, das coisas do lar, mas é também possível perceber que ainda sua imagem estava muito ligada a noção de propriedade do homem/marido/esposo/pater.



essa gestão sem o mínimo obstáculo e sem autorização prévia (PERNOUD, 1997, p. 8).

Assim sendo, a mulher na Idade Média já vislumbra um horizonte longe da ótica e do olhar masculino. A partir do que foi apresentado por Pernoud, constatamos que a mulher medieval podia desempenhar no lar o mesmo papel *administrativo* que o homem. Este episódio aparentemente pouco importante foi determinante na luta das mulheres por independência e reconhecimento.

A casa ganhou importância. Já não é apenas um abrigo, um lugar para comer e dormir. É um lar. A solidariedade familiar, já primordial nos costumes celtas e nórdicos, adquire assim a sua verdadeira importância; forjava-se ao canto da lareira, com as suas diversidades — em parte nenhuma mais impressionantes do que no seio duma mesma família — e afinidades. Mas, enquanto os combates, os trabalhos agrícolas, os cuidados com o gado, a forja, o moinho, são lugares onde se exerce a força masculina, existe de futuro um lugar que a mulher pode considerar como seu domínio, onde ela é a senhora, domina, e este é a lareira (PERNOUD, 1984, p. 76)

As mulheres podiam optar por viver em conventos ou apenas serem esposas fieis a Deus e ao cônjuge. Mas, naquele período da história ocidental, surgiram muitos e radicais movimentos leigos que prezavam a independência do homem em relação à autoridade Papal, que pregavam a liberdade espiritual e faziam uma reinterpretação da Bíblia que muitas vezes diferia da doutrina apregoada pela Igreja. Isso influenciou fortemente o modo de crença e religiosidade das mulheres medievais.

Ainda no âmbito da espiritualidade cristã, houve uma espécie de revivificação religiosa, as novas heresias surgem, em grande parte, como resposta ao poderio e autoridade dogmática da Igreja Medieval através dos movimentos pauperistas⁵. Esses movimentos nascem, portanto, num ambiente essencialmente urbano, no qual foi possível se evidenciar as profundas desigualdades econômicas e também sociais entre ricos e pobres. A espiritualidade feminina daquela época e dentro do contexto que

⁵ Enquanto a Igreja pregava a igualdade entre todos, acumulava riquezas e poder, enquanto pregava amor e fraternidade, distribuía punições e sanções aos que resistissem ou se opusessem ao seu domínio. Os movimentos pauperistas como os Cátaros ou Albigenses, os Goliardos, os Begardos e as Beguinhas, dentre outros, aparecem, de algum modo, para combater a alta hierarquia eclesiástica, as dissonâncias entre suas pregações e suas práticas, como também apresentam um discurso contrário à Igreja no que diz respeito às suas interpretações sobre a bíblia e seus dogmas religiosos. Mas, inicialmente, certamente com exceção dos Cátaros, muitos desses movimentos nasceram sob o julgo dos Dominicanos e Franciscanos. Cf. PERNOUD, 1984.



apresentamos escreveu um episódio na história do cristianismo bastante peculiar.

Nesse contexto, dentre os movimentos pauperistas, encontrarmos uma comunidade de mulheres leigas que receberam o nome de *beguinias* e suas comunidades denominavam-se *beguinarias*⁶ (*Begijnhof* em neerlandês). As primeiras comunidades de beguinias começaram a surgir entres os séculos XII e XIII nos chamados Países Baixos, onde atualmente localizamos o norte da Bélgica, o oeste da Alemanha, estendendo-se ao norte da França. De aspecto profundamente emancipatório, as *beguinarias* constituíram uma alternativa de vida religiosa leiga no qual as mulheres, não querendo se vincular à vida monástica, nem tampouco adquirir matrimônio, fazia dessas comunidades uma opção de vida⁷.

É importante destacar que os movimentos pauperistas, também chamados de mendicantes, em princípio, estavam e se organizavam sob a égide das Ordens dos dominicanos e franciscanos. Citamos Pernoud:

Em resumo, as beguinias eram uma manifestação do mesmo movimento de fervor religioso ao qual se devem também, no início do século XIII, as ordens mendicantes, que, por seu turno, irão dar origem ao que as ordens terceiras, isto é, associações de laicos agrupados sob a égide dos Dominicanos ou dos Franciscanos, com vista à oração, à esmola, às obras de caridade (PERNOUD, 1984, p. 255)

As beguinias ficavam a cargo dos Dominicanos e os begardos, versão masculina das beguinias, estavam sob a ordem dos Franciscanos. No entanto, a partir do momento em que o *movimento beguinal* se expande, cresce e se desenvolve, ramificando-se e originando novos modos de pensar, de crer e ser no mundo, vai desestruturando e fragmentando o controle da Igreja e das Ordens encarregadas por controla-las.

⁶ Sobre a origem do nome Beguina é ainda um ponto de discórdia entre os estudiosos do movimento. Enquanto alguns deles determina que a origem do nome Beguina tenha vindo do apoio que Lambert, o Gago ou em francês Lambert de le Bègue dispensou ao nascente movimento. Outros, por sua vez, sinalizam que por expressar um caráter liberal ou herético, o movimento apresentava características semelhantes ao movimento dos Albigenses, eram com eles confundidos. Cf. SALÉ, 2013 e Cf. SCHWARTZ, 2005.

⁷ Idosas, viúvas e órfãos também constituíam essas comunidades por uma razão óbvia: não tinha condições de se sustentarem sozinhas embora pudessem exercer algumas pequenas funções para se manterem, mas em comunidade estas mulheres compunham um corpo organizado, uma comunidade cujo o auto sustento, os cuidados com a saúde e a educação eram possíveis.



As mulheres beguinias eram livres para deixar essas comunidades em qualquer tempo, inclusive muitas delas era uma espécie de *beguina errante* ou viajante (TROCH, 2014), pois não se firmavam numa beguinaria específica. Suas práticas estavam centradas em ajudar os enfermos, os pobres, os idosos etc. Dedicavam-se à piedade e as obras de caridade, levavam uma vida modesta, prometiam obediência e castidade, mas não como voto ofertado à Igreja. Elas viviam sob a direção de uma Mestra, e neste sentido não estavam sob a autoridade do Clero. As beguinias eram caracterizadas, dentre outros aspectos, por levar uma vida de extrema mendicância, por fazerem elas próprias interpretações a respeito dos textos bíblicos e por defender fortemente a liberdade de estar no mundo e de se reconhecer livres das *coisas mundo*. Inicialmente, o *movimento beguinal*, como ficou conhecido, estava sob a orientação da Igreja, como foi já dito, no entanto, com o crescimento destas comunidades e os diversos “estilos de vida” ali nascidos, o Concílio de Viena condenou-as por fortes suspeitas de heresia em 1311, um ano depois da condenação de Marguerite Porete, uma escritora francesa do século XIII que foi reputada como uma *beguina*, sendo a primeira mulher acusada e condenada por cometer crime de heresia na França⁸, antes da sua condenação, o seu livro intitulado *Le Mirouer dès ames simples et anienties et qui seulement demeurent em vouloir et desir d’amour*⁹ e escrito em 1290 foi proibido de circular ou ser divulgado, sofrendo também um processo condenatório.

Les béguines semblent avoir la sympathie de la population et leur influence est croissante. Mais leur indépendance, la liberté avec laquelle elles expriment leur spiritualité, le fait qu’elles écrivent dans une langue vulgaire, les met rapidement dans une position vulnérable face au pouvoir de l’Église qui voit en elles un véritable danger (SALÉ, 2013, p.11)

As beguinias parecem ter a simpatia da população e sua influência é crescente. Mas a sua independência, a liberdade com que eles

⁸ É importante citar este fato uma vez que Marguerite Porete não foi considerada bruxa ou louca, mas foi julgada como herege impenitente e relapsa, isto é, aquela que fez interpretações precipitadas sobre a Bíblia e os dogmas da Igreja, que contradiz o que está posto na Doutrina da Igreja Medieval e não se justificou diante do Directorum Inquisitorium, jamais abjurando. Sua condenação e pena de morte foram executadas na tarde de 1º de junho de 1310. Cf. ALMEIDA, 2011.

⁹ Este é o título do livro de Marguerite no Francês medieval. Na tradução para língua vernácula o título é: O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo de Amor.



expressam sua espiritualidade, que eles escrevem em vernáculo, coloca-as numa posição de vulnerabilidade em relação ao poder da Igreja, que vê nelas um perigo real (Tradução Livre¹⁰).

Por esse modo de vida, estando à margem do completo domínio clerical e gozando de certa liberdade para ler e interpretar as Escrituras, as beguinias passaram a ser observadas pela Igreja e suas ideias foram consideradas de grande ameaça à unidade clerical. Suas interpretações foram tidas pelo Concílio de Lyon de 1274 como *especulações loucas* (Cf. MARIANI, 2008) acerca da Trindade e tudo o que envolvesse a substância de Deus ou sua essência. Essas *especulações loucas* foram divulgadas em língua vernácula, portanto, voltadas para o povo, e isto atraiu ainda mais a antipatia da Igreja ao *movimento beguinal*. Fisicamente falando, as beguinias não ofereciam nenhuma ameaça à Igreja, mas se pensarmos no âmbito teológico, no campo da fé, a Igreja se via recuada diante do movimento que ganhava força, temendo uma descentralização e uma fragmentação de seu *poder sagrado*, isto é, de sua influencia e controle sobre o povo, a Igreja se apressou em perseguir essas *hereses*, seu modo de vida e de pensar.

As beguinias – um crepúsculo da liberdade de gênero e crença

É imprescindível destacarmos para se compreender o movimento das beguinias, sua riqueza intelectual e espiritual, as atividades que se realizavam dentro destas comunidades femininas, a vida espiritual intensa e a literatura nascida ali. Aquelas mulheres buscavam, acima de tudo, experienciar o divino, a presença de Deus e comunicar essa experiência. Muitas destas mulheres reconheceram ter contemplado o Sagrado em sua plenitude e nele ter se fundido, compondo um discurso eminentemente místico.

A mística feminina medieval tem sua maior expressão com o movimento das beguinias. Elas inauguraram espiritualidade completamente baseada no Amor, a partir da linguagem vulgar, sem mediações clericais, sem a figura masculina ou sem qualquer interferência externa à suas crenças que pudessem desviar o foco maior: Deus.

¹⁰ Ainda não há tradução da obra completa para o português, esta é apenas uma livre tradução para o português do trecho em Francês acima citado.



A mística das beguinhas é caracterizada, peculiarmente, por utilizar a *Minnemystiek/Minnenmystik* ou *Mystique Courtoise*, fundição das canções trovadorescas, da literatura do Amor Cortês com o desejo e a busca por Deus, pelo Sagrado, e a simbiose entre esta e a mística da Essência – do Ser – também chamada de mística Especulativa (Cf. SCHWARTZ, 2005). Portanto, estas mulheres fizeram uso da língua vulgar e da literatura profana para compor o seu pensamento e seu discurso sobre Deus, uma *teologia* realmente distinta e rara dentro do Cristianismo Ocidental.

Este misticismo singular tornou-se bastante popularizado na região renana e nos países baixos uma vez que a linguagem utilizada por estas mulheres era o vernáculo, e elas estavam propensas a realizar pequenas pregações e ensinamentos às pessoas. Apenas para ilustrar, Marguerite Porete († 1310) escreveu em picardo (língua falada na sua região de nascimento na França); Hadewijch d’Anvers († 1248) escreveu em Holandês (neerlandês-médio); Beatriz de Nazaré (ca. 1200-1268) também escreveu em Holandês e Mechthild de Magdeburg (1207 – ca. 1282) escreveu em médio-alto-alemão. Todas as mulheres citadas, de alguma forma, estão ligadas ao movimento das beguinhas.

Sabe-se e já existem alguns estudos sendo realizados a esse respeito que a mística e a espiritualidade das beguinhas, sua escrita, sua linguagem apofática e negativa, seu pensamento e, porque não dizer, sua postura ética, foi fonte fecunda para a religiosidade da época, influenciando nomes como Mestre Eckhart e John Ruusbroec, representantes de uma tradição de pensamento e da mística especulativa chamada também de Mística Renana.

Portanto, o alcance deste movimento feminino e as influências tanto sofridas pelo neoplatonismo, representado por pensadores como Santo Agostinho (Ca. 354 -430), Plotino (Ca. 204 -270), Pseudo Dionísio Areopagita (Século V d.C), quanto as influências deixadas à posteridade são imensuráveis.

Conclusão

O trabalho de auto sustentação e independência material e espiritual destas mulheres é excepcional e única, o modo como se organizavam e se dedicavam ao cuidado com o Outro demonstra o perfil social das beguinhas, sua devoção e desejo pelo desconhecido, pelo mistério, revela o amor e zelo a si mesma, ao próprio Eu, a um cuidado de si, empenhadas e reveladas pelo amor de Deus.

Existe ainda na Holanda atual, em Amsterdam, uma *Begijnhof* aberta ao público para visitantes, curiosos e pesquisadores. Silenciosa e calma, a *Begijnhof* de Amsterdam é um convite turístico da Cidade.



Figura 2. Begijnhof - *The Wooden House*.



Figura 1. Begijnhof - *Jardim das Beguinhas* – Amsterdam.

A begijnhof Holandesa é hoje um espaço privado,

Descrição sobre a *begijnhof*.

Encrustado no centro da capital holandesa, cercado por casas comerciais, coffeeshops e muita gente, está o Begijnhof. Um “hof” é uma espécie de jardim, um espaço de área verde privada geralmente compartilhada por casas vizinhas. É muito comum em cidades holandesas (...) A última beguina morreu em 1971, aos 84 anos de idade, mas as habitantes do Begijnhof continuam sendo mulheres que ainda reservam grande parte do conservadorismo e vida casta de outros tempos. Portanto, o respeito ao silêncio e à privacidade dos



moradores é importante e grupos muito grandes não são bem-vindos¹¹.

As mulheres beguinhas apresentaram dentro daquele contexto da Idade Média uma expressão nova de *ser e pensar* o divino, a crença de que o homem e a mulher são capazes de alcançar e contemplar Deus em sua plenitude e mesmo assim se *manter vivo* no mundo foi efetivamente inovador, pois a linguagem para se apregoar esse discurso foi à simbiose entre o profano e o sagrado. Envolvendo uma linguagem por vezes rica em elementos eróticos, e aí aparece a influência do livro Bíblico *Cânticos dos Cânticos* e da literatura cortesã, descrevia seu relacionamento pessoal e imediato com Deus.

Esta experiência maravilhosa de modo algum as retirou da vida social, o comprometimento social com os mais necessitados, a vida de caridade e mendicância é necessária para o bom funcionamento da comunidade e facilitaria a apreensão da mensagem de Amor que propunham e viviam.

A linha entre a hereticidade e a santidade sempre foi tênue no caso das beguinhas e sua relação com a Igreja, algumas delas foram consideradas hereges, como Marguerite Porete, e outras se tornaram santas, como é o caso de Catarina de Siena (Ca. 1347 a 1380).

O que as separa e as coloca em categorias diferentes? O que sabemos é que as beguinhas, santas ou não, hereges ou não, nos legou um horizonte de possibilidade e apresentou a capacidade que temos de escolher e vivenciar o Divino, tudo isso numa época impregnada de misoginia e aquilo que hoje chamamos de *preconceito* contra a potencialidade da mulher e sua capacidade de gerir a vida. Estas mulheres de ação e de fé nos legaram não só um modo de vida alternativo, mas uma riqueza de pensamento filosófico/teológico e de uma linguagem simbólica, metafórica.

¹¹ Cf. Begijnhof, o Jardim das Beguinhas em Amsterdam.
<http://www.bailandes.nl/blog/1981/begijnhof-amsterdam/#prettyPhoto>. Abril de 2010.



Referências

ALMEIDA, Rute Salviano. Uma voz feminina calada pela inquisição. – São Paulo: Hagnos, 2011.

GOUNELLE, André. Dossier Les Beguines. [Editorial]. Lumière e Vie, n. 297 janvier./mars 2013. Disponível em: http://www.lumiere-et-vie.fr/resources/cariboost_files/LV_297_num_CC_81ro_complet.pdf.

MARIANI, Ceci Baptista. Marguerite Porete, teóloga do século XIII: Experiência mística e teologia dogmática em O Espelho das Almas Simples de Marguerite Porete. São Paulo, 2008.

_____. “Marguerite Porete: a alma entre aniquilamento e nobreza”. In: Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo, edição 385, 19 de dezembro de 2011, 57.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. A escrita feminina medieval: mística, paixão e transgressão. In: Mirabilia Journal, n.17. p. 153-173, 2013.

PERNOUD, Régine. Luz Sobre a Idade Média. Trad. António Manuel de Almeida Gonçalves. Mem Martins: Publicações Europa – América, 1997.

_____. As Mulheres no Tempo das Catedrais. Tradução de Miguel Rodrigues. Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Gradiva. Lisboa. 1984.

SALÉ, Claudia. La mystique féminine dans la région Rhéno-flamande (XII et XIII e siècle). In: Parcs d’Étude et de Réflexion La Belle Idée, 2013. Disponível em: <http://www.parclabelleidee.fr/monographies.php>. Acesso em: 25 Out. 2015.

SCHWARTZ, Sílvia. A BÉGUINE E AL-SHAYKH: Um estudo comparativo da aniquilação mística em Marguerite Porete e Ibn’Arabī. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. www.ufjf.br/ppcir/files/2009/05/tesesilvia.pdf. Acesso em 10 Out. 2013.

TROCH, Lieve. Mística feminina na Idade Média – historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. In: Revista Graphos, v. 15, n. 1. João Pessoa, p. 1-12, 2013.



Imagens:

Figura 1: The Wooden House.

https://en.wikipedia.org/wiki/Begijnhof,_Amsterdam.

Figura 2: Jardim das Beguinhas – Amsterdam

<http://www.bailandesa.nl/blog/1981/begijnhofamsterdan/#prettyPhoto>.